

Epigrama



Gregório de Matos e Guerra
"O Boca do Inferno"

Um encontro com a língua portuguesa no Museu da Estação da Luz (SP) proporciona, entre tantas outras coisas ali expostas, a comprovação da atualidade das palavras de Gregório de Matos, que dividimos com você, leitor (a).

Que falta nesta cidade?... Verdade.
Que mais por sua desonra?... Honra.
Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

Quem a pôs neste rocrócio?... Negócio.
Quem causa tal perdição?... Ambição.
E no meio desta loucura?... Usura

Notável desventura
De um povo néscio e sandeu,
Que não sabe que perdeu
Negócio, ambição, usura.

Quais são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bens mais máciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao Demo os insensatos,
Dou ao Demo o povo asnal,
Que estima por cabedal,
Pretos, mestiços, mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos?... Meirinhos.
Quem faz as farinhas tardas?... Guardas.
Quem as tem nos aposentos?... Sargentos.
Os círios lá vem aos centos,
E a terra fica esfaimando,
Porque os vão atravessando
Meirinhos, guardas, sargentos.

E que justiça a resguarda?... Bastarda.
É grátis distribuída?... Vendida
Que tem, que a todos assusta?... Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa
O que El-Rei nos dá de graça
Que anda a Justiça na praça
Bastarda, vendida, injusta.

Que vai pela clerezia?... Simonia.
E pelos membros da Igreja?... Inveja.
Cuidei que mais se lhe punha?... Unha

Sazonada caramunha,
Enfim, que na Santa Sé
O que mais se pratica é
Simonia, inveja e unha,

E nos frades há manqueiras?... Freiras
Em que ocupam os serões?... Sermões.
Não se ocupam em disputas?... Putas

Com palavras dissolutas
Me conluo na verdade,
Que as lidas todas de um frade
São freiras, sermões e putas.

O açúcar já acabou?... Baixou.
E o dinheiro se extinguiu?... Subiu.
Logo já convalesceu?... Morreu.

À Bahia aconteceu
O que a um doente acontece:
Cai na cama, e o mal cresce,
Baixou, subiu, morreu.

A Câmara não acode?... Não pode.
Pois não tem todo o poder?... Não quer.
É que o Governo a convence?... Não vence.

Quem haverá que tal pense,
Que uma câmara tão nobre,
Por ver-se mísera e pobre,
Não pode, não quer, não vence.

Gregório de Matos e Guerra (1633/1696), o Boca do Inferno, nascido na Bahia, foi o primeiro de nossos satíricos, homem de língua destravada e fácil veia poética.

Arte sensu

Colabore com o
Arte sensu....

...divulgue produção
poesia, conto,
charge, resenha etc...

Envie seu material para:
artesensu@adufepe.com.br

Fragmentos poéticos

Paulo Marcondes
Prof^o do Dept^o de
Ciências Sociais
CFCH - UFPE

“ O sol relembra a luz de um dia
A noite ofende o sono
Sonoras tardes são rituais de fogo cuspidado ao relento
De novo a noite da hora extrema bate à porta
A morta conforta o beijo que sabe ”

“ Na chuva inesperada de um cão vadio
Vagam olhares díspares
Vagão de luz incerta
Abriga a solidão da dor dispersa
Na rua esquina fria de paralelos bipedes
Encolhido cão espera a chuva passar ”

“ Prossigo
Papos de ouvido
Sopapo na cara do imprevisito
Assusto assisto
O que de nunca
O sempre visto
Passos no espaço banido
No avesso do aviso
Reconheço
O que desconhecido ”

“ E me rendo ao tempo
O sol por testemunha
Da vida como entrega
Malandra na alcunha
Sem hesitação ou trégua
Em tudo o que compunha

Nenhuma força cega
Suspeita não saber
Lembrança que supunha
Mesmo antes de o dizer
Que em tudo por meu feito
Não fiz por merecer ”

“ Em que delírio deleite
Encerro-me em recomeço?
O aço puro da viga
Siga o que siga
Da vida em apuros
Da fala em versos
Da luz do escuro
Do olor do incenso
O olhar perverso
Do tempo que pára
Para me ver passar ”